

Chegou a hora de investir

Fora dos gabinetes fechados de Brasília, a vida real nas cidades mostra que a economia está fervilhando. A gasolina barata tirou os carros da garagem e o trânsito nas ruas engarrafou fora da hora do *rush*. Há muito o comércio não vende tanto, os aviões voam lotados, enfim, no sexto mês do Plano Real a população experimenta uma situação de euforia.

As estatísticas comprovaram esta semana o diagnóstico que vem das ruas. Apesar do crescimento das importações de automóveis, a indústria automobilística bateu recorde de produção. Os pesquisadores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) se surpreenderam com os números saídos de seus computadores: o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 6% entre julho e setembro, em comparação com igual período do ano passado, recorde absoluto desde 1980, quando o IBGE começou a acompanhar a evolução da produção agrícola, industrial e de serviços.

Em outubro e novembro a demanda foi relativamente contida pelas medidas anticonsumo na área do crédito. Porém, a eu-



**O Bndes já
financia novos
investimentos
pela metade
dos juros
de mercado**

fiora de dezembro — mês em que os assalariados dobram seus rendimentos com o 13º salário — com toda a certeza vai provocar expansão da demanda, mesmo com o crédito inibido.

Que conclusões tirar desse quadro?

Em primeiro lugar, é auspicioso reconhecer que o Plano Real quebrou o velho tabu monetarista de que é indispensável promover recessão na economia para fa-

zer cair a inflação. Até agora o plano resultou em distribuição de renda, principalmente para os mais pobres, aumentou o emprego, expandiu a produção, enfim, trouxe benefícios reais para a população. E a inflação permaneceu baixa.

Não foi cumprida a rotineira profecia dos economistas de matizes variados que, no lançamento da nova moeda, pregavam que o governo não teria como fugir da recessão no primeiro semestre pós-Real. Erraram. Agora, com a mudança de governo, esses mesmos economistas insistem na profecia: alegam que as eleições e Itamar Franco não permitiram, mas Fernando Henrique Cardoso vai aproveitar o capital político da vitória eleitoral para, agora sim, provocar re-

tração da economia no primeiro semestre de 1995. Repetirão o erro.

Em segundo lugar, é preciso também reconhecer que 1995 começa com uma conjuntura duvidosa quanto a expectativa de quedas contínuas na taxa de inflação. Para dezembro e janeiro as projeções indicam índices abaixo de 3%, mas não há nada a garantir que o ritmo decrescente continue.

Além da implantação das reformas estruturais, que ajudam a equilibrar as contas do governo, é preciso que as empresas retomem o investimento produtivo para garantir a continuidade da estabilização de preços em 1995. A expansão da demanda nos primeiros seis meses do Real elevou o nível de ocupação das indústrias para um índice médio perigoso de 80%. Em alguns setores, como bens de consumo e matérias-primas, a capacidade instalada já ascende a 88%, segundo pesquisa da Fundação Getúlio Vargas. É hora de as empresas decidirem investir na ampliação da produção; abrindo caminho para dobrar o faturamento em 1995.

Não há porque temer a abertura ao Exterior. Mesmo com o crescimento das importações, a produção interna continua crescendo e não há nenhuma disposição do presidente eleito de reverter esse processo. A indústria automobilística é um exemplo disso. Não pára de crescer a im-

portação de automóveis e a produção interna bate recordes.

Por isso mesmo, na última sexta-feira, a Renault anunciou, em Paris, que pretende investir US\$ 1 bilhão na instalação de sua primeira fábrica no Brasil e a Fiat revelou que vai destinar US\$ 600 milhões para reforçar a produção de seus veículos no Brasil e Argentina. A indústria eletroeletrônica, no período pós-Real, também experimentou a convivência com televisores e videocassetes importados e seu faturamento não caiu. Pelo contrário, subiu 23%.

Ao transferir a renda do imposto inflacionário para o bolso do consumidor, a estabilidade de preços criou ambiente favorável ao crescimento das vendas. Isso aconteceu desde o início do Plano Real. Agora chegou a hora de as empresas elevarem lucros, aumentando a produção e a oferta de seus bens. Se precisarem de empréstimos, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (Bndes) já tem como financiar novos investimentos com a Taxa de Juros de Longo Prazo (TJLP), com custo financeiro equivalente a metade dos juros de mercado. Esse deve ser o caminho a seguir em 95. Investimento novo gera mais empregos, cria novos consumidores, eleva a venda e faturamento das empresas, o progresso social avança. E todos ganham.